

A PROPÓSITO DO TRAJE TRADICIONAL DE LISBOA

Paulo Morais-Alexandre*

INTRODUÇÃO

Os trajes tradicionais portugueses são variadíssimos e as suas diferenças permitem o reconhecimento da região de onde provêm¹, as suas origens são também as mais diversas, algumas milenares, como por exemplo os hábitos talares de Coimbra, cujas origens parecem remontar à época clássica, mais especificamente à toga latina que era usada pelos patrícios romanos do Senado² ou como a branqueta envergada pelos sargaceiros da Apúlia putativamente proveniente da civilização celta³.

Estes trajes desenvolveram-se de maneiras diversas e mercê da acção do tempo as suas formas foram-se apurando. Tornaram-se verdadeiros clássicos, usados porque eram, em alguns casos, autênticas peças de design, com a sua forma perfeitamente ajustada à função, como exemplo cite-se os trajes tradicionais alentejanos de onde se destacam as saias/calções usadas pelas mondadeiras e ceifeiras, os safões ou o pelico dos pastores. Noutros casos a razão é abandonada completamente, sendo procurada apenas a função presentativa do vestuário, como certos trajes de cerimónia que eram e são ainda usados pela dignidade que conferem, como a sempre celebrada capa de honras de Miranda do Douro, talvez a mais extraordinária peça da indumentária masculina portuguesa.

Nem todo o traje tradicional é de proveniência popular, muitas vezes sucede que o traje que o povo de uma determinada

região tomou como seu é oriundo do traje nobre ou eclesiástico. O povo por norma sempre cobiçou o traje usado pela aristocracia adoptando-o e adaptando-o, foi assim que o gorro que a nobreza usa nesse retrato colectivo conhecido por Painéis de São Vicente de Fora, se vai transformar no garruço usado vulgarmente pela plebe⁴, a capa da nobreza oitocentista se transforma no capote alentejano ou o xaile que entrou na moda francesa ao tempo de Napoleão Bonaparte, adoptado pela futura imperatriz Josefina em 1798⁵, se tornou peça obrigatória em todo o reino de Portugal, estendendo-se o seu uso das fadistas alfacinhas às lavradeiras minhotas.

Torna-se também importante referir que sobretudo devido à mundaneidade das cidades, são nestas mais comuns os atavismos efémeros a que se convencionou

* Regente da cadeira História do Traje na Escola Superior de Teatro e Cinema.

1 – Leia-se a este respeito a breve síntese traçada à vol d'oiseau por BASTO, Cláudio, *Costume Regional Português*, Porto, Tip. Costa Carregal, 1938.

2 – TEIXEIRA, Madalena Braz, "Trajes míticos da cultura regional" in *Trajes Míticos da Cultura regional portuguesa – catálogo da exposição*, Lisboa, Electa/Lisboa 94, 1994, p. 30.

3 – IDEM, *Ibidem*, p. 30.

4 – Veja-se a este respeito o ensaio de FELGUEIRAS, Guilherme, "Do «gorro» da nobreza ao «garruço» da plebe: Achegas para o estudo duma curiosa peça de vestuário popular" in *Estremadura – Boletim da Junta de Província, série II*, n.ºs 50/52, Lisboa, 1959.

5 – CARVALHO, João Pinto de (Tinop), *Lisboa de outros tempos II – Os cafés*, Lisboa, Fenda Edições, 1991, p. 190.

chamar de "Moda", enquanto no mundo rural se assiste a uma maior estabilidade dos padrões de referência vestimentar, embora e como diz Francisco Sousa: "...em todos os meios, por muito resistentes e fechados que sejam, sente-se sempre a acção do exterior; a sua resistência vai aos poucos, sendo forçada a diluir-se, o que «obriga» os seus naturais a adoptarem o que vem de fora e que em mais ou menos tempo passará a ser encarado como um dado adquirido e a ser entendido como algo que faz parte integrante da sua forma de vida⁶."

LISBOA CADINHO DE GENTES

É o acumular por motivos fortuitos ou determinados, de peças de indumentária de origens variadas e em épocas sucessivas, que vai formar uma cadeia vestimentar específica que permitirá a identificação do traje de uma determinada região.

O caso alfacinha é disto exemplar, onde o caldear de vários elementos permitiu a identificação de determinados trajes com a cidade e região de Lisboa.

Para o estabelecimento desses trajes vários factores coincidiram: sociais, culturais e religiosos.

Em primeiro lugar, constate-se que, como porto principal e mais tarde como "capital do Império", Lisboa foi desde sempre pólo de atracção de gentes das mais desvairadas partes, que aí convergiam e aí se instalavam. Estas populações, ao contrário do que se possa pensar, não se aculturavam facilmente, antes pelo contrário; criavam autênticos "auto-guetos" onde preservavam os usos, costumes e tradições das suas origens, formando grupos fechados; como exemplo máximo o das gentes oriundas da zona da barra de Aveiro e mais especificamente de Ovar, que fixadas no Bairro da Madragoa se dedicavam à faina e comércio da pesca, onde competiam ferozmente com algarvios e frieleiros, não se misturando no entanto com estes, apesar da afinidade das suas actividades.

GENTES DE OVAR

Ao contrário do se que possa pensar, a fixação da colónia de Ovar no bairro popular da Madragoa não é muito longínqua, já que remonta apenas à criação da linha do Norte, ao tempo de El-Rei D. Luís I^o, embora na primeira metade do século XIX existam já representações de mulheres da barra de Aveiro vendendo peixe em Lisboa⁸. A sua presença começou por ter características sazonais, correspondendo a campanhas de pesca, às quais se sucederam estadas mais prolongadas e posterior instalação definitiva.

Os seus trajes simples mas vistosos, como os enormes chapéus, o ouro que carregavam ao pescoço, o muito justo corpete que contrastava com uma enorme saia de lã que uma cinta preta repuxava, permitiam o seu reconhecimento à distância. Andavam descalças, mas em dias de festa usavam umas tamanquinas⁹. Irresistível a descrição de Júlio César Machado:

"...varina velha de traje alheio às caprichosas modas do dia... na cabeça, lenço amarelo, no pescoço, lenço encarnado; colete atacado com cordão, pela frente, cinta azul, chapéu de Braga, saia de droga de lã mais rapada que cilício¹⁰..."

6 - SOUSA, Francisco, "Sobre o gosto e o traje - Os Alfacinhas e os Saloios", in AA. VV., Loures no tempo e na Moda, Loures, Museu Municipal de Loures, 1992, p. 31.

7 - MOITA, Irisalva (dir.), O Povo de Lisboa - Exposição Iconográfica (catálogo), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, s.d., p. 27.

8 - Estas referências aparecem na Collecção dos Trajos, Usos e Costumes mai notáveis e característicos dos habitantes de Lisboa e Províncias de Portugal, Lisboa, ed. vários, 1832, est.10 e também na Colecção Palhares, Lisboa, ed. vários, s.d. (1840/60), est. 2 e 3, entre outras.

9 - SOARES, Maria Micaela, "Pesca", in AA.VV., O Trabalho e as Tradições Religiosas no Distrito de Lisboa (catálogo), Lisboa, Governo Civil de Lisboa, 1991.

10 - MACHADO, Júlio César, "Peixeira" in AA. VV. Álbum de Costumes Portugueses, Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1987.

Sobre o chapelinho preto de feltro que usavam sobre o lenço, a rodilha ou sogra e a eterna canastra.

Os varinos também se vestiam de forma característica: descalços, de calções curtos e garruço preto, que nunca abandonavam e onde guardavam a onça do tabaco. Para se protegerem da invernia, usavam um enorme capote com capuz a que deram o nome – varino.

OS ALGARVIOS

Os algarvios constituíam um grupo relativamente numeroso e francamente pobre, dedicavam-se a actividades ribeirinhas, pescavam no rio, eram remadores de galeotas e marinheiros, eram eles que enquanto catraeiros levavam passageiros de um lado para o outro da cidade através do rio. Geralmente vestindo calções curtos, que lhes deixavam as pernas nuas, descalços e de aparência descuidada, os algarvios marcaram mais a cidade enquanto comunidade do que pelos seus trajes específicos.

Outros grupos se instalaram em Lisboa constituindo colónias mais ou menos numerosas, como os negros e os galegos.

OS NEGROS

A colónia negra foi extremamente importante para a vida cidadina, oriundos dos escravos trazidos nas caravelas desde a época dos Descobrimentos, formaram um grupo muito numeroso, que se demarcava do resto da população, não só pela cor da pele, mas sobretudo pela sua forma própria de estar, de falar e de vestir, frutos de uma herança africana, que também era visível nas suas danças e cantares bem quentes¹¹.

Estavam vocacionados para as actividades domésticas e faziam o que os outros recusavam, como os despejos das casas, que eram exclusivo das negras calhandreiras que os carregavam para o rio; consagravam-se ainda ao pequeno

comércio, vendendo produtos como a fava-rica, tremoços e mexilhão; dedicavam-se também a cair as casas de quem tal precisava, concentrando-se os chamados “pretos caiadores” no largo do Rossio à espera dos potenciais fregueses, esta actividade era aliás praticamente exclusivo seu nos finais do século XVIII¹².

Os seus trajes seguiam as linhas gerais das modas populares da época, sendo no entanto e ao mesmo tempo mais pobres e mais garridos.

Participavam ainda activamente na vida religiosa da cidade, marcando presença nas confrarias e nas procissões. Era célebre o grupo de negros que acompanhava a imagem de São Jorge, tocando clarins, pífaros e tambores, na mais importante procissão da cidade – O Corpus Christi; eram conhecidos como os “pretos de São Jorge” e a sua presença fazia-se notar pelos seus trajes extremamente decorativos de cor vermelha, onde avultavam as enormes golas chamadas mó-de-moinho e os bicórneos emplumados. O lugar membro efectivo da guarda do santo era tão disputado como um título e chegava a passar de pais para filhos, criando-se autênticas dinastias.

OS GALEGOS

Os galegos eram também responsáveis por grande parte do colorido citadino. Dedicavam-se a trabalhos braçais, eram sobretudo moços de fretes, carregando enormes pesos. Podiam ser encontrados pelas diversas esquinas das ruas lisboetas, à espera que os contratassem, sendo facilmente reconhecíveis pelo colete justo, boné de pele e pelas cordas ao

11 – Apesar de constituírem um grupo à parte, não eram de forma alguma um grupo fechado, como o provam os numerosos casamentos mistos, com as camadas mais humildes da população alfacinha.

12 – GARCIA, Maria da Graça, “Introdução” in Ruas de Lisboa (Fac-simile da edição de 1826), Lisboa, Edições Inapa, 1994.

ombro. Eram também os aguadeiros da cidade, actividade para a qual tinham licença municipal, sendo a insígnia da inscrição de aguadeiro, uma placa dourada, mantida bem visível sobre o colete.

Júlio César Machado descreve-os "... sempre de corpo à fresca e em mangas de camisa, calça arregaçada à lorde Palmerston e sapato sólido..."¹³.

Extremamente discretos, era através dos galegos que se trocava toda uma correspondência amorosa, como foi tão bem retratado no filme de António Lopes Ribeiro, *A vizinha do lado*.

GENTES DE ALCOCHETE

As gentes de Alcochete também aqui vinham; eram os condutores de tojo e os carregadores de carvão cujos trajes Xavier da Cunha tão bem descreveu:

"Sobre as bragas de linho branco envergam outras de ganga azul ou de pano: intrépida e nervosa a musculatura das pernas aparece agora a descoberto; mas das polainas altas e fortes, com que as protegiam enquanto roçavam mato na terra natal, conservam em Lisboa por simulacro uma improvisada espécie de polainas curtas, feitas de meia branca e ligadas por atilhos em cruz sobre o dorso do pé calçado em sapatos moles, que lhes permite correr ligeiros e leves na sua labutação diária: colete e cinta completam-lhes o traje; na cabeça em substituição do gorro, o chapéu braguês, e sobre este uma pequenina liaça de palha a figurar de sogra, para mais comodamente se equilibrar a canastra.

Tal é o alcochetense carregador de carvão"¹⁴

OS SALOIOS

Um grupo particularmente curioso é o dos "Saloios", não se podendo falar da Lisboa de outrora sem os referir. Geralmente associa-se os saloios à pro-

dução hortícola e agrícola dos arredores da cidade, dando como zona saloia a faixa à volta da cidade que compreende os concelhos de Mafra, Sintra e Loures (exceptuando Sacavém)¹⁵.

Considera-se que a área saloia devia incluir zonas que hoje fazem parte da cidade de Lisboa e que estão hoje completamente descaracterizadas ou então que adquiriram características novas, como a zona do Campo Grande ou o extremo Oriental da cidade, então zonas de hortas saloias para onde se debandava aos domingos para petiscar e ouvir cantar o fado.

Os saloios deslocavam-se diariamente à cidade, para venderem uma variedade enorme de produtos, como os lacticínios, os ovos, o pão, as queijadas etc., eram as saloias que lavavam a roupa de Lisboa e era de entre as mais robustas que se escolhiam as amas de leite dos filhos da burguesia alfacinha, este grupo vital ao funcionamento da capital, animava-a com o pitoresco dos seus trajes.

Vestiam de uma forma simples mas eram extremamente briosos com os seus trajes que refletiam uma vida campesina; ele usava "...calça à boca de sino, justa à perna, alargando em baixo sobre o peito do pé; cinta preta ou encarnada conforme as idades e o estado civil: solteiros cinta encarnada, casados, cinta preta; jaqueta a contornar os quadris; camisa mole sem gravata; colarinho mole e barrete. Usando a mulher saloia a saia rodada; a bota de cano; o casaquinho apertado no peito; o xaile sobre os ombros e o lenço na cabeça..."¹⁶.

13 - MACHADO, Júlio César, "Aguadeiro" in AA. VV. *Álbum de Costumes Portugueses*.

14 - CUNHA, Xavier, "Carregador de carvão no aterro" in AA. VV. *Álbum de Costumes Portugueses*.

15 - GARCIA, Maria da Graça, citando VASCONCELLOS, José Leite de, "Prefácio" in op. cit.

16 - SOUSA, Francisco, "Sobre o gosto e o trajar" in AA. VV., *Loures no tempo e na moda*, Loures, Museu Municipal de Loures, 1992, p. 36.

A partir do final do século XIX deu-se um verdadeiro abastardamento do vestuário saloio, que o contacto avulso com a cidade foi fazendo descaracterizar; as saloias adoptaram as modas citadinas – as mangas de presunto, as vasquinhas justas, começaram cada vez mais a vestir-se à moda e foram perdendo a cada dia o seu modo próprio de trajar.

OUTRAS POPULAÇÕES

A Lisboa convergiam pontualmente populações de outras paragens e que marcavam o quotidiano da cidade, sem no entanto aí se fixarem, como os vendedores dos mais variados produtos. Da Serra da Estrela e do Alto Alentejo vinham os vendedores de tecidos; para fugir à pobreza que grassava na Beira chegavam miúdos que vinham tentar a sorte na grande metrópole, dedicavam-se ao comércio de insignificâncias, “coisas de nada”, como palitos, colheres, fósforos, rocas e fusos; no fundo tratava-se mais de uma forma encapotada de mendicidade do que um modo de vida¹⁷. Mal vestidos, envergavam geralmente roupas que lhes tinham sido dadas e que não tinham a qualidade suficiente para ser vendidas às Adelas, as vendedoras de roupa em segunda mão.

OS ALFACINHAS

Analisadas as gentes que vindas de paragens mais ou menos remotas tanto contribuíam para o pitoresco da cidade, pode-se colocar a questão de ser Lisboa um mosaico de vários povos e não ter uma população com um cunho próprio. Consideramos no entanto que este cadinho de culturas e gentes, esta mistura de sangue romano, visigodo, judeu, árabe, etc. se consubstancia no “Alfacinha”.

Não gostava de efectuar trabalhos servis, preferia ocupar “... os cargos públicos inferiores, sendo, também, especialmente dotado para alguns aspectos do artesa-

nato tradicional (olaria, fabrico de esteiras, ourivesaria, trabalho de madeira, etc.)”¹⁸.

A mulher do povo de Lisboa é sempre descrita como encantadora pelas suas vestes, que nunca mudavam: o capote e o lenço. Cultivava uma aparência particularmente devota e recatada, o que não impedia que algumas se tornassem “...alcoviteiras, inculcadeiras, mulheres de virtude e ramalheteiras de Lisboa...”¹⁹.

Em todas as crónicas que se reportam à Lisboa dos finais do século XVIII e ao longo de todo o século XIX, se refere a principal peça de indumentária, usada tanto por homens como pelas mulheres – o capote. Várias são as justificações do uso do capote: era usado por ser elegante, mas também porque tapava a pobreza, debaixo dele tudo se podia esconder, servia de abafo aos trabalhadores, que sob ele guardavam os instrumentos de um trabalho que às vezes os envergonhavam e podia também esconder as armas dos facínoras. Popular e aristocrata o capote tem também a sua árvore genealógica: descende directamente do bioco oriundo da Idade Média.

O uso do capote começou por ser uma moda, no tempo das invasões francesas era o abafo dos elegantes; com o correr os anos foi caindo em desuso e substituído por novas modas, trocado por vestes menos pesadas e mais airosas, só permanecendo como nos diz Júlio Dantas no guarda roupa comum das mulheres mais velhas:

“Havia dois tipos de capotes feminino: o capote de mangas, com cabeção e volta de veludo, e o capote sem mangas, o decantado «josézinho», que... era «a graça das mulheres». Talhavam-nos de várias cores: azul, como os capotes dos mariolas; preto discreto e grave; pura estamemha pombalina, de tons opulentos

17 – MOITA, Irisalva, op. cit., p. 134.

18 – IDEM, Ibidem, p. 9.

19 – IDEM, Ibidem, p. 9

de sépia na chapada do sol; vermelho – os lindos capotes encarnados de que a Duquesa de Abrantes nos fala nas suas Memórias – cor preferida das meninas solteiras que iam, pela manhã, de lenço de cambráia soqueixando e «josézinho» de açafião, ouvir missa a São Roque. Os visitantes estrangeiros que nos visitaram no tempo dos capotes, e entre eles a madame Junot, dizem o melhor possível desta moda jovial e sensual, que dava alegria à cidade e que perfeitamente se harmonizava com o trigo-dourado da pele das portuguesas. Mas os josézinhos vermelhos fugiram na asa do tempo – porque se assenhorearam deles as regateiras, as maranhoas, as fregonas da mafra-baixa; os capotes azuis passaram para o exclusivo uso dos homens, sexo ainda forte e barbado; o mesmo sucedeu com os ferragoulos de saragoça dos revolucionários vintistas; no guarda-roupa feminino só o capote preto ficou, sem mangas, com a sua gola de terciopelo e o seu grave e longo talhe de sino ou de vassoura, já não para as mulheres jovens e belas (logo, em 1830, as camalhas, os manteletes, as peliças, as clotides o destronaram), mas para as velhas que fizeram do josézinho e do lenço bicudo de tarlatana gomada o seu traje predilecto e, na verdade, característico²⁰.

AS ACTIVIDADES E PROFISSÕES

Várias actividades e profissões são também marcantes para a vida cidadina, já vimos algumas mais ligadas a determinados grupos populacionais, nem sempre oriundos da região de Lisboa, mas existem outros que foram e vão marcando a vida da cidade.

Ligados aos transportes eram famosos os insolentes boleeiros que aterravam os lisboetas que se atravessavam no caminho das suas seges de boleia ou das traquitanas que só se distinguiam daquelas por um par extra de rodados²¹.

Do picaresco do traje destas verdadeiras destas personagens dá conta Pinto de Carvalho na Lisboa d'outros tempos:

“Aqueles marmanjos galeavam jaquetas de grandes bandas, de mangas muito angustas nos punhos, e tão curtas como as jaquetas dos toureiros espanhóis, colete ainda mais curto, calções de belbutina azul com alçapão, cinta muito esticada excedendo quatro ou cinco dedos o colete, lenço sarapantão ao pescoço, e outro de Alcobaça com as pontas pendentes da algibeira da véstia, altas botas de cava a que se prendiam umas formidáveis esporas de latão tilintando com um ruído de quinquilharia, e chapéu grande como um canudo de vapor, que lhe ia bem com a sua máscara angulosa de geta fanfarrão, arrebolada pela losna tabernária, as melenas lustrosas de óleo e empastadas sobre a testa estreita, e a barba em colar ou à passa piolho como lhe chamavam²².”

No século XIX apareceram os ardinias, que chegaram aos nossos dias, conhecendo um crescimento tão numeroso que no final do século estavam já registados no Governo Civil de Lisboa cerca de dez mil²³, e que foram immortalizados pelo pincel de Stuart de Carvalhais, geralmente miúditos de calças largas mas curtas, presas por uma cinta, descalços, mas orgulhosos do seu saco e do boné.

A maior parte dos antigos tipos de Lisboa já desapareceu, até porque as suas profissões foram ultrapassadas pela voragem dos tempos e já não têm razão

20 – DANTAS, Júlio, Lisboa dos nossos avós, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1966, pp. 67/68.

21 – CARVALHO, João Pinto de (Tinop), Lisboa de outros tempos I - Figuras e Cenas Antigas, Lisboa, Fenda Edições, 1991 p. 203.

22 – IDEM, *Ibidem*, p. 204.

23 – TENGARRINHA, José, “A Imprensa” in Lisboa nos princípios do século – aspectos da sua vida e fisionomia, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1977, p. 54.

de existir, o ferro-velho não passa mais nas ruas, já não se apregoam os figos, já ninguém vende colares de pinhão e os cegos já não vendem literatura de cordel; desapareceram para não mais voltar os catraeiros, os remadores das galeotas e os Archeiros da Guarda Real, que animavam as ruas com os seus reluzentes uniformes com a característica casaca vermelha, bicórneo e sapatos fivelados, autêntica guarda de opereta. E mesmo mais recentemente desapareceram da cidade os vendedores de gravatas, como o que João Vilaret tão bem representou em *O Pai Tirano* ou como um chinês que as apregoava pela rua do Arsenal.

Alguns tipos vão-se no entanto mantendo, embora em vias de extinção, como os polícias sinaleiros ou como os vendedores de alguns produtos sazonais, como as castanhas assadas, os gelados ou os morangos; o amolador ainda se ouve, embora a espaços cada vez mais dilatados, a carroça da hortaliça passa por vezes ainda, mas as meninas das tranças pretas, que apregoavam raminhos de violetas pelo Chiado, envelheceram e engordaram, estabelecendo-se na rua Augusta à entrada do Rossio, sem a graça de outrora, mas mantendo os chinelos e o avental. Lá está também o cauteleiro, mas até este perdeu o seu chapéu. Felizmente que ainda é possível encontrar algumas ciganas de compridas vestes negras, qual corvos, lendo a sina no Jardim do Príncipe Real.

OS DIVERTIMENTOS

Os períodos de lazer eram passados pelos lisboetas nos retiros onde jogavam o "chinquilho" ou onde o som das rabecas os impeliam a dançar²⁴, os momentos de ócio eram outrossim passados nas hortas a ouvir cantar o fado, ou então nas touradas e esperas de touros.

Lisboa foi e é terra de grandes fadistas, sendo o fado quase indistintamente cantado em todos os bairros de Lisboa,

desde a aristocrática Lapa, à castiça Mouraria.

Hoje institucionalizou-se que o vestido da fadista é sempre preto; Madalena Braz Teixeira afirma-o peremptoriamente²⁵, ora basta conhecer a pintura de Malhoa "O Fado" para perceber que tal verdade absoluta não passa de um mito, criado já na segunda metade do século XX por Amália Rodrigues, que popularizou o negro nas cantadeiras de fado.

A célebre Adelaide da Facada, que cantava pela Mouraria e que Malhoa imortalizou ao lado do fadista Amâncio, não cuidava muito da sua aparência, vestindo uma desmazelada blusa branca de alças, saia vermelha de barra decorada, calçando sapatos de polimento.

A mais extraordinária das fadistas foi a Severa e sabe-se qual era a sua forma de vestir – desconhecendo por completo o uso dos veludos, dos cetins laminados de espelhamentos e a sábia esgrima com o leque, trajava ampla saia de chita, anáguas amarfanhadas, lenço de ramagens na cabeça, meias azuis, tamanquinhas de polimento pespontadas a retrós, assim andava pelas tabernas da Mouraria "...improvisando chularias à guitarra..." e "...quando engrifada e arremangada, era das que não tinham papas na língua..."²⁶.

Podemos dizer que os fadistas não têm um traje específico, antes se adaptam às modas da época embora certas peças de indumentária sejam altamente emblemáticas, como o boné e o cache-nez nos fadistas, como usava Mestre Alfredo Marceneiro; e o xaile, que todas as grandes cantadeiras usaram.

24 – DIAS, Jaime Lopes, "Cafés, Botequins, Hortas e Retiros" in SOUZA, Alberto de (plano), *Alfacinhas – Lisboa do Passado e do Presente*, Lisboa, ed. Fernando Souza, s.d., p. 57.

25 – TEIXEIRA, Madalena Braz, op. cit., p. 108.

26 – CARVALHO, João Pinto de (Tinop), *Lisboa de outros tempos I*, pp. 31 e 166.

Sempre de braço dado com o fado vinha a toirada, remontando a tradição de lançar e mais tarde de farpear os toiros pelo menos ao tempo de D. Sancho II. Da Festa Brava fazia também parte a espera dos toiros e a Lisboa aficionada partia para as bandas de Carriche, para ser a primeira a ver os animais que haviam de ser lidados. Os homens vestiam a jaqueta curta e cobriam-se com o chapéu redondo, ornando-se as mulheres para as toiradas, qual sevilhanas, não faltando sequer a clássica peineta sobre o penteado alteado e o cravo vermelho.

O traje dos intervenientes na corrida, não sofreu grandes alterações desde o final do século XVIII; calção justo e casa-ca à Marialva para os cavaleiros sobrepostos do tricórnio debruado a plumas, bem de acordo com as modas francesas do tempo de Dom José I; jaqueta adamacada para os forcados, sendo a indumentária dos bandarilheiros de seda ricamente bordada, quanto aos campinos, estes usavam e seguem trajando o seu tradicional vestuário.²⁷

LISBOA BURGUESA E ARISTOCRÁTICA

Apesar de Lisboa ter sido marcada por toda uma galeria de tipos populares, era também burguesa e aristocrática, vestida à moda, geralmente "macaqueando" a cidade-luz – Paris. Dessa Lisboa nobre nos falaram os visitantes estrangeiros que aqui acorriam, como o inglês Dalrymple que nos visitou no tempo em que era primeiro ministro o Marquês de Pombal e que ficou encantado com a beleza das nossas mulheres:

"Nesta terra as mulheres têm olhos negros e brilhantes, dentes brancos e belos cabelos, enchendo-os de tanto pó e de tanta pomada, que o volume da cabeça se torna excessivo; pintam-se pouco mas usam grande quantidade de sinais".

Júlio Dantas que o cita em Lisboa dos nossos avós, completa esta imagem com a seguinte descrição:

"Foi a época dos grandes penteados, verdadeiros edifícios de cabelos, próprio ou postiço, e o tempo, por excelência, dos polvilhos e dos sinais de tafetá. «Fazer uma cabeça» – como se dizia na mocidade de D. João V – era negócio complicado. Por sua vez, os sinais, de que, com efeito, se abusou muito em Portugal, no século XVIII, eram tantos, que cada um deles tinha o seu nome no mosqueado das faces, conforme o local onde o colocavam – no canto dos olhos, perto da boca, no queixo ou junto da asa do nariz"²⁸.

A zona de exibição das vaidades era na Lisboa de outrora no mesmo sítio onde hoje passam as Marchas e era aí que as "elegantes" e os "janotas" desfilavam. Alguns no entanto aspiravam a mais, a muito mais:

"Era lá que, todos os domingos, se topavam os caixeiros babocas, os polhos de balcão, muito embonecados, muito merceirais, pelintrando com fraques de badanas curtas, à Marialva, calças estranguladas no joelho, à meia-polaina, botas bicudas como sapatos de palhaço de género, gravatas de cores esbraseadas, infernais, e os tromblons de gala – toda a farfalia catitinha de elegância patarateira, bandalhona, da Rua dos Fanqueiros, a distinção palerma que, imediatamente, tresandava a cera-mustacha, a espírito de lúcia-lima e a água de colónia de três patacos o frasco.

Era lá que os gorilas de regresso do Brasil, intonsos, pachorrentos, brasileira-vam com suas farpelas claras, seus panamá de rigor, e seus anéis pomposos, onde um grosso brilhante aceso imitava um olho farcista que ri..."²⁹

Descrição amarga e irónica a de Pinto de Carvalho, mas há que ler nas entrelinhas e sob a capa do sarcasmo esconde-se o orgulho de gentes briosas e de aparências cuidadas.

27 – IDEM, *Ibidem*, p.160.

28 – DANTAS, Júlio, *op. cit.*, p. 259.

29 – CARVALHO, João Pinto de (Tinop), *Lisboa de outros tempos II – Os cafés*, p. 195.

CONCLUSÃO

Lisboa tem, desde o século XIX, vindo a perder tradições, como as grandes festas religiosas e os divertimentos – algumas procissões deixaram de existir, outras não passam de uma pálida imagem do que foram, as velhas confrarias vão paulatinamente deixando de existir, à medida que os seus irmãos se vão extinguindo; o Carnaval perdeu qualquer vínculo com as tradições aristocráticas dos grandes bailes de máscaras e o povo perdeu as grandes batalhas de flores na Avenida da Liberdade, os assaltos e as populares cégadas. A aficção tauromáquica resume-se a meia dúzia de corridas no Campo Pequeno, mais para turista ver, o mesmo acontecendo e infelizmente com o fado, embora neste último caso existam muito honrosas excepções, havendo ainda quem cultive quer o aristocrático fado de salão, quer o plebeu fado vadio.

Os trajes usados em outras épocas perderam a sua razão de ser, o lenço e o capote já não são usados, poucos aliás saberão o que eram os “josézinhas”, assim como vão desaparecendo os últimos vendedores ambulantes.

Talvez as últimas festas alfacinhas que vão sendo preservadas e que mantêm alguma vitalidade, são as festas do mês de Junho – Os Santos Populares, que são curiosamente talvez as de mais antiga tradição, milenar mesmo, já que é iniludível que a comemoração do Santo António em Lisboa está intimamente associada ao solstício do Verão³⁰, que se vem comemorando ininterruptamente desde a pré-história; as marchas, embora sem o peso dos séculos e com algumas infelizes interrupções³¹, já se podem considerar também tradição.

É importante manter a tradição, até porque as marchas permitem que a cidade renasça e viva, quer pela participação na sua preparação de colectividades tão variadas como a Sociedade de Instrução e Beneficência a Voz do Operário (responsável pela marcha com o mesmo nome) à Sociedade Filarmónica Alunos Esperança

(marcha de Alcântara), entre outras, quer pela saudável e única competição pelo prémio da melhor marcha, travada pelos diferentes bairros.

Não devem as marchas ser, nem nunca o foram aliás, um mero estudo “arqueológico” do traje antigo usado nos diferentes bairros lisboetas, não se trata de organizar uma comunicação sobre etnografia a apresentar à prestigiada Academia Portuguesa de História, nem sequer um desfile etnográfico, como o é a “Festa do Traje” de Viana do Castelo em que diferentes grupos apresentam os trajes regionais.

As marchas devem no entanto ser mais do que um mero entretenimento, devem ultrapassar a sentimentalização da História de Lisboa, à qual devem sempre estar intimamente ligadas, pelo que é preocupante o aparecimento de declarações, felizmente e por enquanto inconsequentes, como as produzidas pelos responsáveis pela marcha dos Olivais em 1994 quando advogam que “...as marchas são para promover a cidade e não para preservar tradições...”³². Corre-se o risco de à semelhança de vários e infelizes carnavais importar qualquer dia uma vedeta brasileira de telenovela?

Precedentes de grande qualidade já existem e podem ser invocados como o da “Maria da Graça” para o Pátio das Cantigas.

O papel das marchas é lembrar a Lisboa de outras eras e as vivências da cidade, nomeadamente os trajes que os Alfacinhas foram usando. É certo que alguns desenraizados querem que as marchas percam a ligação ao passado e outros, qual velhos do Restelo, temem que o divertimento desvirtue a História verdadeira, se calhar porque têm pouca fé na História de Lisboa.

30 – Como aliás acontece com as festas de São João na cidade do Porto.

31 – Lembra-se aqui a suspensão das marchas populares da cidade de Lisboa “ordenada” no período marcelista, onde a cobertura dos gabinetes ministeriais foi decidido substituir as marchas por pseudo arraiais populares.

32 – ALEIXO, Mário, “Bairros vão nas marchas mas pregam calotes” in *Correio da Manhã*, Lisboa, 1994, Junho, 10, p.12.